

# TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO/ HIPERATIVIDADE E A INDISCIPLINA: DIFERENTES CONCEITOS NO MEIO ESCOLAR

*Data de submissão: 05/07/2023*

*Data de aceite: 03/08/2023*

### **Silvana Franzon Mosconi**

Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná – UTFPR  
Ponta Grossa – Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/2395498524973556>

### **João Paulo Aires**

Universidade Tecnológica Federal do  
Paraná - UTFPR  
Ponta Grossa - Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/2395498524973556>

### **Adriano Charles Ferreira**

Universidade Estadual de Ponta Grossa -  
UEPG  
Ponta Grossa - Paraná  
<http://lattes.cnpq.br/8185378412134627>

**RESUMO:** O artigo analisa as distinções entre o Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e a indisciplina escolar. Pretende-se avançar nos conceitos de TDAH e da indisciplina a fim de demarcar as fronteiras entre ambos e evitar demasiadas confusões e desajustes. A pesquisa é qualitativa de caráter bibliográfico. As informações foram coletadas mediante pesquisa metaanalítica em trabalhos já publicados que abordam sobre os temas elencados. Os trabalhos

descrevem limitações ao esclarecer os diferentes conceitos, evidenciando que se avance em variadas leituras e estudos, para colaborar com as pesquisas no campo educacional que abordem o TDAH e a indisciplina escolar.

**PALAVRAS-CHAVE:** TDAH, Indisciplina, Educação, Família

### ATTENTION DEFICIT/ HYPERACTIVITY DISORDER AND INDISCIPLINE: DIFFERENT CONCEPTS IN THE SCHOOL ENVIRONMENT

**ABSTRACT:** The article analyzes the distinctions between Attention Deficit/Hyperactivity Disorder (ADHD) and school indiscipline. It is intended to advance the concepts of ADHD and indiscipline in order to demarcate the boundaries between both and avoid too much confusion and mismatches. The research is qualitative and bibliographic in nature. The information was collected through meta-analytical research in previously published works that address the listed themes. The works describe limitations when clarifying the different concepts, showing that progress is made in various readings and studies, to collaborate

with research in the educational field that addresses ADHD and school indiscipline.

**KEYWORDS:** ADHD, Indiscipline, Education, Family

## 1 | INTRODUÇÃO

O Transtorno de Déficit de Atenção/Hiperatividade (TDAH) e a Indisciplina Escolar são os temas abordados na pesquisa, observando-se a conduta dos alunos que vai desde as dificuldades de aprendizagem, problemas emocionais, sociais e de conduta na sua relação com o ambiente escolar. Ambos os temas são controversos, uma vez que trazem à tona muitos questionamentos, exigindo estudos mais aprofundados a respeito. Diante disso, procurou-se abordar a relação entre ambos os conceitos, pois eles são comumente associados a comportamentos “fora do padrão” ou “anormais” no contexto escolar por muitos educadores (ALVES-MAZZOTTI, 2006). Para a compreensão desses conceitos o texto aborda sobre os seguintes tópicos: a) uma provável homogeneização das salas de aula em tipos idealizados de alunos; b) as normas e regras verticalizadas no ambiente escolar como prováveis pretextos para atos indisciplinados e que, por vezes, recaem precipitadamente em hiperatividade/impulsividade/ com déficit de atenção.

O problema relacionado ao comportamento dos alunos pode ocorrer quando a escola exalta, em muitos casos, a homogeneização do alunado. Assim, aqueles que não se encaixam nessa “normalização” são rotulados como indisciplinados ou hiperativos/impulsivos/com déficit de atenção.

Em pesquisa realizada por Zangrande (2021) alguns dos condicionantes para o sucesso ou fracasso escolar, dizem respeito ora ao aluno, sua família e carência social; à comportamentos esperados e não realizados; ao sistema avaliativo; às políticas educacionais, entre outros.

Já fazem alguns anos que a indisciplina nas escolas, quer sejam elas públicas ou privadas, ganharam uma dimensão muito diferente daquela considerada o ideal para o ambiente escolar, e assim, vem se debatendo novas formas e abordagens quanto à estruturação, as normas de organização e convívio no meio escolar (ESTRELA, 2002). Todavia, ainda é um empecilho o (re)pensar sobre as normatizações e regras que almejam ditar o poder, a ordem e o controle disciplinar (FOUCAULT, 1991).

As regras e normativas escolares precisam ser revistas, pois há muito tempo já estão defasadas e não atendem mais aos valores e anseios do mundo contemporâneo. A escola constitui-se como uma estrutura que resguarda os moldes tradicionais, um espaço institucionalizado hierárquico e normativo.

Tais normatizações cerceiam e fazem com que não se coloque responsabilidade, nem aos alunos, e, muitos menos, aos educadores, principalmente em questões pontuais da escola como a relação de ensino e aprendizagem, que vem sendo uma das principais dificuldades do espaço escolar (ESTRELA, 2002).

Numa visão pragmática, as normas e regras, acabam deixando a desejar aos educadores, ocasionando conflitos e desajustes no meio educacional. Muitas vezes, a sala de aula se apresenta como uma geopolítica imaginária (AQUINO, 1996), com demarcações entre professores e alunos, ambos buscando seu espaço numa batalha simbólica por lugares instituídos.

Os professores almejam a ordem e o controle, os alunos o desvio das atividades e novas abordagens metodológicas. Assim, os discursos de professores em relação a comportamentos tidos como disruptivos acabam sendo estereotipados em TDAH e outros como indisciplina.

A escola encontra-se como um espaço que ainda persiste o tradicional e antigo, num discurso saudosista por parte dos educadores, no qual o “professor e aluno portavam papéis e perfis muito bem delineados: o primeiro, um general de papel; o segundo, um soldadinho de chumbo” (AQUINO, 1996, p. 43).

As representações dos professores em relação aos comportamentos desviantes apresenta uma postura defensiva e de desresponsabilização (SANTOS, 2012). Reclamações diárias partem com veemência desses, que narram que os alunos são desatentos, não têm limites, são hiperativos, insubordinados e assim por diante. Por isso, no contexto escolar, o uso do termo TDAH e da indisciplina para elucidar as insubordinações do discente prescrevem muitas dúvidas.

Falta clareza quanto a conceituação dos termos, por vezes, crianças que apresentam falta de limites e desvios às normas escolares podem ser identificadas como “hiperativas ou justificadas com déficit de atenção, sem maiores análises ou comprovações, apoiadas apenas em “achismos” e falta de conhecimento e informação de educadores e familiares, que “ouviram” falar sobre o TDAH” (SAVAREGO, 2012, p. 12).

Uma melhor elucidação desses conceitos pode vir a auxiliar diversos educadores a fim de evitar os equívocos que ocorrem ao supostamente diagnosticar os alunos com algum tipo de “distúrbio” ou “patologia”. De acordo com Benedetti e Urt (2008), a escola acaba enviando um número cada vez maior de alunos para tratamento clínico sem, ao certo, terem uma compreensão mais aprofundada dos casos.

Diante disso, o artigo tem como objetivo abordar por meio de uma revisão de literatura, sobre os conceitos relacionados a comportamentos considerados desviantes, principalmente nos conceitos de TDAH e indisciplina, entendendo que ambos possuem características distintas, mas que acabam sendo generalizáveis no âmbito escolar e no discurso dos educadores.

Para responder a tal objetivo utiliza-se da pesquisa bibliográfica, essa “que é uma modalidade de estudo e análise de documentos que possuam caráter científico como artigos, livros, ensaios teóricos, periódicos, entre outros”. (OLIVEIRA, 2007).

## 2 I (IN)COMPREENSÃO DO TDAH

As pesquisas relacionadas aos transtornos hipercinéticos segundo Rohde et al (2000) datam do início do século XIX. Contudo, durante as décadas seguintes o termo vem sofrendo modificações quanto a sua nomenclatura. Em 1940, com o nome de “lesão cerebral mínima”. Em 1962, sofreu modificações passando a se chamar “disfunção cerebral mínima”, uma vez que se relacionava às disfunções em áreas nervosas do que propriamente à lesões. Atualmente, com o nome de Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade - TDAH.

De acordo com a Associação Brasileira de Déficit de Atenção (ABDA) TDAH é um transtorno neurológico, de causas genéticas, que aparece na infância e frequentemente acompanha o indivíduo por toda a sua vida.

Muitos dos problemas de distração, indisciplina e inquietude que são da competência da escola acabam sendo delegados para outras esferas de atuação como: a Medicina, Psiquiatria, Neurologia e outras. Disso resulta uma proliferação e muitas classificações que evidenciam um problema, no qual os alunos são alocados em diagnósticos de hiperatividade/desatenção, dislexia e outros sem ao menos ter a clareza e suficiência para encaminhamentos (RICHTER, 2012).

Outro problema apontado por Richter (2012) é o modo como se chegam aos diagnósticos. O autor questiona a forma como os questionários são realizados. Esses são aplicados pelos médicos aos pais e professores e eventualmente ao paciente – podendo incluir testes neuropsicológicos. São feitos por meio de perguntas com graus de intensidade como “nada”, “pouco” ou “muito”, para quesitos como, por exemplo, “fala em excesso”. O autor questiona: “Como é possível quantificar “o falar em excesso”? (RICHTER, 2012, p. 14). Complementa dizendo que esses podem ser “passíveis de erro”, uma vez que dependem de juízos de valor.

Segundo Rohde et al (2000), o TDAH se apresenta em três bases importantes sendo elas a desatenção, a hiperatividade e a impulsividade. A *desatenção* apresenta-se por alguns sintomas, tais como: dificuldade em prestar atenção às atividades escolares; não seguir as instruções dadas pelo professor; dificuldade de organização das tarefas escolares; desviar o foco em outras atividades alheias à tarefa proposta e esquecimento de situações diárias.

A *hiperatividade* tem como sintoma alguns aspectos como: agitação; levantar da cadeira sem motivos aparentes; correr em situações que não são habituais; falar demasiadamente. Os sintomas da *impulsividade* é “dar respostas precipitadas antes das perguntas terem sido concluídas; com frequência ter dificuldade em esperar a sua vez; e frequentemente interromper ou se meter em assuntos de outros.” (ROHDE et al., 2000, p. 07)

Os desafios enfrentados no contexto escolar são inúmeros: aluno que apresenta

dificuldades em prestar atenção aos detalhes; comete erros por descuido numa tarefa escolar, tem dificuldade no desenvolvimento de atividades lúdicas, parece não escutar o que está sendo dito a ele, tem dificuldade para organizar tarefas, atividades e materiais, não respeita regras, recusa-se a fazer uso do uniforme escolar, apresenta-se indiferente às normas e regras, levanta e sai da sala constantemente. Diante desses desafios apresenta-se muitas vezes a alegação “de que a escola não oferece condições positivas de aprendizagem para os alunos com TDAH, pois os conteúdos não são atraentes e os professores não sabem motivar as aulas” (REIS, CAMARGO, 2008, p. 90), ou que a escola responsabiliza o aluno que acaba sendo enquadrado em determinados diagnósticos que permite colocá-lo como alvo dos problemas, principalmente na sua carga biológica e individual.

Disso resultam diversos questionamentos em torno dessa visão reducionista aos problemas psicopatológicos que ocorrem no meio escolar, já que partem de uma visão limitada e sem conhecimento de fato de cada caso. Quais são os processos, as práticas, ideologias e questões políticas presentes no contexto educacional contribuem para o fracasso de alguns grupos socioeconômicos e culturais?

Algumas preocupações chamam a atenção em relação ao TDAH quanto a sua compreensão no meio escolar. Em muitos casos, o TDAH é interpretado como “um rótulo”, o qual fornece uma espécie de “conforto ante uma situação de pânico moral dos cuidadores das crianças, atropelados pelo crescimento da indisciplina e da indústria farmacêutica” (LANDSKRON, SPERB, 2008, p. 154).

As generalizações também são o grande problema da escola, uma vez que a subjetividade dos alunos é negada e/ou silenciada e na contramão estão as interpretações e os diagnósticos equivocados de pais e professores sobre o comportamento das crianças (RICHTER, 2012). Além disso, e talvez o mais alarmante dos casos que ocorrem, diz respeito aos inúmeros diagnósticos, aliados ao interesse de grandes corporações farmacêuticas, interesse econômico e político. (LANDSKRON, SPERB, 2008).

Para conceituar o TDAH utiliza-se normalmente o DSM-5 (*Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders*) publicado pela *American Psychiatric Association* (APA, 2014), o qual é um manual usado mundialmente para classificar o distúrbio e outros transtornos mentais. Alguns critérios podem ser utilizados para auxiliar a compreensão do TDAH.

Um padrão persistente de desatenção e/ou hiperatividade-impulsividade que interfere no funcionamento e no desenvolvimento, conforme caracterizado por (1) e/ou (2):

1. *Desatenção*: Seis (ou mais) dos seguintes sintomas persistem por pelo menos seis meses em um grau que é inconsistente com o nível do desenvolvimento e têm impacto negativo diretamente nas atividades sociais e acadêmicas/profissionais: Para adolescentes mais velhos e adultos (17 anos ou mais), pelo menos cinco sintomas são necessários:
  - a. Frequentemente não presta atenção em detalhes ou comete erros por descuido

em tarefas escolares, no trabalho ou durante outras atividades.

- b. Frequentemente tem dificuldade de manter a atenção em tarefas ou atividades lúdicas.
  - c. Frequentemente parece não escutar quando alguém lhe dirige a palavra diretamente.
  - d. Frequentemente não segue instruções até o fim e não consegue terminar trabalhos escolares, tarefas ou deveres no local de trabalho.
  - e. Frequentemente tem dificuldade para organizar tarefas e atividades.
  - f. Frequentemente evita, não gosta ou reluta em se envolver em tarefas que exijam esforço mental prolongado.
  - g. Frequentemente perde coisas necessárias para tarefas ou atividades.
  - h. Com frequência é facilmente distraído por estímulos externos.
  - i. Com frequência é esquecido em relação a atividades cotidianas.
2. *Hiperatividade e impulsividade*: Seis (ou mais) dos seguintes sintomas persistem por pelo menos seis meses em um grau que é inconsistente com o nível do desenvolvimento e têm impacto negativo diretamente nas atividades sociais e acadêmicas/profissionais. Para adolescentes mais velhos e adultos (17 anos ou mais), pelo menos cinco sintomas são necessários.
- a. Frequentemente remexe ou batuca as mãos ou os pés ou se contorce na cadeira.
  - b. Frequentemente levanta da cadeira em situações em que se espera que permaneça sentado.
  - c. Frequentemente corre ou sobe nas coisas em situações em que isso é inapropriado.
  - d. Com frequência é incapaz de brincar ou se envolver em atividades de lazer calmamente.
  - e. Com frequência “não para”, agindo como se estivesse “com o motor ligado”.
  - f. Frequentemente fala demais.
  - g. Frequentemente deixa escapar uma resposta antes que a pergunta tenha sido concluída.
  - h. Frequentemente tem dificuldade para esperar a sua vez.
  - i. Frequentemente interrompe ou se intromete.

Vale ressaltar que as manifestações de transtorno devem estar presentes em mais de um ambiente, ou seja, devem se manifestar em casa, na escola ou no trabalho, podendo

variar conforme o contexto no qual está inserido, podendo apresentar sinais diferentes diante de recompensas.

Além dos principais critérios que definem o distúrbio neurobiológico, o Diagnostic and Statistical Manual of Mental Disorders (DSM-5) subdivide o TDAH em três tipos:

1. O primeiro com predomínio dos sintomas de *desatenção*;
2. O segundo com predomínio a sintomas de hiperatividade-impulsividade;
3. O terceiro, o TDAH combinado. O TDAH com predomínio a desatenção ocorre com frequência do sexo feminino. (APA, 2014)

O tipo de TDAH com predomínio na hiperatividade/impulsividade ocorre em crianças com comportamentos mais agressivos e impulsivos, que apresentam taxas altas de rejeição. Alguns desses sintomas de oposição e de desafio, podem ocorrer em crianças com qualquer tipo de TDAH do que em crianças sem TDAH, “o tipo combinado apresenta também um maior prejuízo no funcionamento global, quando comparado aos dois outros grupos” (ROHDE et al., 2000, p. 8).

Podemos compreender que:

“julgamentos, censuras críticas, sofrimento, rejeição até mesmo por parte dos familiares, marcam a vida das pessoas que sofreram ou sofrem de doenças neurológicas, ou popularmente conhecidas como psicológicas, que por muitos anos não tiveram diagnósticos ou explicações realmente científicas ou médicas”. (SANTANA, et al., 2021. p.7)

Mostra-se assim que a patologia exige uma complexidade de fatores que vão permitir classificar os casos como TDAH ou não. Dessa forma, é mister uma compreensão mais aprofundada dos casos psicopatológicos do ambiente escolar que merecem estudos mais aprofundados e uma difusão mais aclarada do mesmo.

### **3 | A INDISCIPLINA ESCOLAR NO AMBIENTE ESCOLAR**

As pesquisas sobre o conceito de indisciplina/disciplina começam a ganhar corpo como objeto de pesquisa em meados da década de 1990 (AQUINO, 2011). É um assunto que vem alcançando um grande número de publicações de autores de diferentes vertentes teóricas a exemplo de Aquino (1998); Estrela (2002); Freller (2001); Ferreira, Santos e Rosso (2016); Golba (2008); Trevisol (2007); Parrat-Dayana (2008); Rebelo (2011), entre outros.

Mesmo assim, com diversas publicações sobre a temática, ela apresenta limitações e por vezes não é abordada com a representatividade necessária.

A indisciplina se constitui na atual queixa, alvo de preocupação e desgaste a professores e demais educadores (ROSSO; CAMARGO, 2011), causa de intensos debates nos mais variados meios institucionais e midiáticos. Diversos educadores estão hesitantes diante desse problema, de modo que professores, pedagogos e familiares

não compreendem e sequer conseguem pensar em meios e estratégias de ação eficazes (TREVISOL; VIECELLI; BALESTRIN. 2011). Não raras são às vezes em que o tema principal na sala dos professores refere-se a determinados estudantes, legitimando a indisciplina escolar, fornecendo-lhes rótulos de aluno-problema. Estes por sua vez, se colocam na posição de destaque em relação aos colegas, acreditando muitas vezes serem populares por tais atitudes.

São raras as vezes que a indisciplina é compreendida na sua complexidade de fatores que a compõem, fazendo com que haja desacordos e atribuição da responsabilidade pela indisciplina exclusivamente sobre os alunos ou familiares dos mesmos (DINIZ, 2009).

Os atos de indisciplina implicam comumente a um desvio às regras e normas internas de algum ambiente tido como institucionalizado, “recoloca os sujeitos em patamares de disputa, desorganiza, reorganiza a lógica docêntrica, autoritária, instituída na sala” (SANTOS; RODRIGUES, 2013, p. 585). Assim, pode-se perceber que a indisciplina escolar difere do TDAH. Primeiramente por que o comportamento de indisciplina não demanda um exame médico para confirmação do caso ou uso controlado por remédios, isso porque são situações casuais e pontuais do meio escolar, que podem ser expressas em atos de bagunça, travessuras, bolinhas de papel, conversas paralelas, não fazer atividades, entre outras.

Os trabalhos realizados por Estrela (2002) podem facilitar a compreensão da indisciplina escolar, a qual se apresenta sob três formas.

A primeira forma de indisciplina faz menção à intencionalidade dos alunos em “tirar o foco” das atividades desenvolvidas na sala de aula, por serem, intensas e desinteressantes – trata-se do *evitamento* aos trabalhos escolares. A segunda forma de indisciplina tem por objetivo o impedimento do funcionamento da aula. São tentativas de frear as atividades escolares, tendo como meta a *obstrução*. Por último, a indisciplina caracteriza-se na sua forma de *protesto* às regras e aos modos de trabalho usados no ambiente escolar. O protesto tem como objetivo contrapor às normas escolares verticalizadas e uma possível renegociação das regras.

Ao analisar o fenômeno da indisciplina escolar, Trevisol (2007) registra que, ao contrário do que muito se divulga sobre a indisciplina de que o problema é exclusivo dos alunos, há outros pontos importantes a serem compreendidos.

Souza apud Lourenção (2021) acredita que é importante conhecer a realidade dos estudantes, suas atitudes e transformações decorrentes do âmbito individual e social, para que assim, possa haver um enfrentamento diante das problemáticas.

Nessa perspectiva,

“questões relacionadas à indisciplina e mesmo à violência e bullying, dependência química e outros problemas que ultrapassam os limites da escola, além de requerer que sejam analisados como fruto de múltiplos contextos e de causas multifatoriais, também devem sofrer intervenção interdisciplinar, para que o engajamento do aluno possa ser favorecido. Assim, o fortalecimento de



vínculos entre os serviços e a atuação em rede devem ser fomentados para a identificação e solução de problemas que podem ou não ocorrer no ambiente escolar, mais que muitas vezes se originam a partir de outras condicionantes (qualquer situação de vulnerabilidade no contexto social)". (LOURENÇÃO, 2021, p.78)

Diante de tais fatos, professores, equipe pedagógica, direção, devem estar atentos a todos os sinais apontados pelo estudante, para que suas atitudes, muitas vezes, possam ser analisadas e assim, possam ser auxiliados e/ou atendidos por órgãos competentes.

O estudo realizado por Trevisol (2007) traz outros sujeitos envolvidos no fenômeno da indisciplina: o professor, a escola e a família; cada um com sua responsabilidade sobre a temática. Assim, há a indisciplina do professor, representada pela sua falta de comprometimento e omissão das funções didático-pedagógicas. A indisciplina da escola está na sua (des)organização e exposição das normas e quando sua função não é cumprida ou desempenhada está relacionada à falta de clareza quanto à formação de sujeitos autônomos. Por fim, a indisciplina da família está relacionada quando os pais se tergiversam das suas responsabilidades, atribuindo somente à escola o papel de educador.

A indisciplina na compreensão de Freller (2001) aponta para dois tipos: uma considerada *incômoda* e outra *legítima*, dependendo do contexto e dos sujeitos envolvidos. Numa aula que o professor respeita e dialoga com os alunos, por exemplo, ele será defendido pela turma, é uma indisciplina imprópria, isto é que incomoda. De outro modo, na classe em que professores agem de forma inadequada, a indisciplina é considerada legítima, pois expressam manifestações defensivas dos alunos àquilo que os oprime.

O conceito de indisciplina escolar está ligado a aspectos morais e pedagógicos, isto é, relacionados à função e ao papel que os alunos precisam exercer em sala de aula. Quando há o desvio às normas e regras, aparecem os atos compreendidos como indisciplinados.

Ao que se refere à cultura dominante, Gros apud Lourenção (2021, p. 66) “a desobediência só pode ser um ato louco, irracional, criminoso até”, pois, na opinião da autora, essa desobediência - algo que ofende, produz ruptura dos enquadramentos, decorre de comportamentos não totalmente plenos, atos de atitudes adolescentes. “As condutas dos grupos que a materializam nem sempre determinam aquilo que se confronta ou que ameaça sua subjetividade e liberdade, as quais ainda estão em processo de construção, como no caso dos adolescentes”. (LOURENÇÃO, 2021, p. 66)

A disciplina deveria ser resultado do aluno, não da autoridade do professor. O que se espera, é que o aluno apresente um comportamento participativo e disciplinado, enquanto que o aluno também espera um professor dedicado e comprometido. O processo ensino aprendizagem depende de disciplina, respeito um pelo outro, respeito às regras estabelecidas no âmbito escolar e no meio em que vive.

Sabe-se que nem sempre as atitudes do estudante e muitas vezes, a postura do

professor em sala de aula é o mais adequado. Antunes (2011) considera que comportamentos como conversas paralelas são inevitáveis e que, cabe ao professor aproveitar algumas dessas conversas, sendo administrador, instigador de perguntas e desafiador, culminando determinadas atitudes com seu trabalho pedagógico.

A indisciplina tem suas causas (família, sociedade, interesses pessoais) e geralmente suas consequências são evidenciadas no ambiente escolar, assim como, o fato de ‘aprender ou não aprender’ acabam sendo justificados por tais atos. Por isso, criar um ambiente de confiança, de diálogo, de estímulo, de novas estratégias educacionais são imprescindíveis para tentativa na mudança de atitudes, estreitando a relação entre estudantes e professores.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O discurso pautado na culpabilização do outro é constante nas práticas escolares. Na maioria dele, evita-se problematizar questões mais amplas como, por exemplo, práticas pedagógicas, currículo, modelo escolar ou políticas educacionais. Por sua vez, há uma tendência em utilizar argumentos e teorias que enfatizam, implícita ou explicitamente, questões psicológicas e biológicas dos sujeitos que não se enquadram nos moldes desejáveis do aparato institucional.

No decorrer das discussões teóricas foi possível perceber que o TDAH e a Indisciplina Escolar apresentam particularidades e são muito diferentes nas suas conceituações. Percebemos que a falta de conhecimento para distinguir entre um e outro comportamento faz com que ocorra julgamentos errôneos e encaminhamentos médicos precoces e precipitados. Por outro lado, a indisciplina escolar faz parte da quebra ou do rompimento das normativas do ambiente escolar que tem como função evitar as atividades escolares, frear o funcionamento da aula e protestar contra as práticas normativas verticalizadas.

O que foi possível concluir das discussões teóricas dos textos publicados é que o TDAH e a indisciplina são conceitos completamente diferentes. Um está ligado a sintomas psicopatológicos, o outro a aspectos normativos do ambiente escolar. Também, que o TDAH vem sendo amplamente dissociado dos aspectos médicos que o definem, a consequência disso é que há uma generalização da sociedade sobre o distúrbio, na forma de culpabilização do sujeito e de crescente mediatização de grupos farmacológicos.

A homogeneização por parte da escola precisa ser maciçamente combatida evitando que muitos casos de TDAH ou indisciplina sejam entendidos como simples desvios ou “estranhamentos” que devem ser tratados fora do ambiente escolar. Não só a escola, mas a família e a sociedade também precisam contribuir para a compreensão mais densa dos casos de TDAH e indisciplina no seu meio. Levar a compreensão da responsabilidade de todos os envolvidos e a participação da família no contexto escolar.

O que se percebe é que a indisciplina está associada a falta de limites, de suporte,

orientação familiar e algumas vezes, pela falta de conhecimento e discernimento de regras e do que é aceitável pela sociedade. Trata-se de um desvio de comportamento, podendo ser corrigido com atenção e diálogo. Já, o TDAH é um transtorno neurobiológico, que deve ser acompanhado por especialistas médicos e psicopedagogos, os quais poderão orientar os pacientes, familiares, escola de como atuar para garantir o desenvolvimento social e acadêmico adequado e, se necessário, buscar auxílio farmacológico.

Diante da complexidade e semelhança entre o TDAH e a Indisciplina, concluímos que os olhares e ações devem voltar-se primeiramente para as relações entre aluno, escola e família. Tanto o TDAH quanto a indisciplina carecem de estudos mais aprofundados e que reforcem e apresentem clareza e relevância quanto a metodologias e aportes teóricos para que se evitem as generalizações dos conceitos.

## REFERÊNCIAS

ANTUNES, Celso. **Professor bonzinho, aluno difícil**. Rio de Janeiro: Vozes, 11. ed. 2011.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. O **“aluno da escola pública”**: o que dizem as professoras. Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos, Brasília, v.87, n.217, p.349-359, set./dez. 2006.

ALVES-MAZZOTTI, A. J. **Representações sociais: aspectos teóricos e aplicações à educação**. Revista Múltiplas Leituras, v.1, n. 1, p. 18-43, jan./jun. 2008.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION. **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais - DSM-5**. Porto Alegre: Artmed, 5. ed. 2014.

AQUINO, J. G. **A desordem na relação professor-aluno: indisciplina, moralidade e conhecimento**. In: . (Org.). Indisciplina na escola: alternativas teóricas e práticas. 15. ed. São Paulo: Summus, 1996. cap. 3. p. 39-55.

AQUINO, J. G. **A indisciplina e a escola atual**. Revista da Faculdade de Educação, USP, São Paulo, v.24, n.2, p.181-204, jul./dez.1998.

AQUINO, J. G. **Da (contra) normatividade do cotidiano escolar: problematizando discursos sobre a indisciplina discente**. Cadernos de pesquisa, v.41, n.143, p. 456-484, maio/ago. 2011.

BENEDETTI, I.; URT, S. C. **Escola, ética e cultura contemporânea: reflexões sobre a constituição do sujeito que não aprende**. Psicologia da educação, 27, 141-155. 2008.

DINIZ, D. V. **Vamos fugir desta jaula! Estudo sobre indisciplina**. Recife: Libertas, 2009.

ESTRELA, M. T. **Relação pedagógica, disciplina e indisciplina na aula**. 3. ed. Porto: Porto Codex, 2002. (Coleção Ciências da Educação).

FERREIRA, A. C.; SANTOS, E. R.; ROSSO, A. J. **Representação social da indisciplina escolar**. Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 32, n. 1, p. 199-208, jan./mar. 2016.

FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 1991.

FRELLER, C. C. **Histórias de indisciplina escolar: o trabalho de um psicólogo numa perspectiva winnicottiana**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2001.

GOLBA, Mônica Aparecida de Macedo. **A indisciplina escolar na perspectiva de alunos**. 2008. 104 f. Dissertação (Mestrado em Educação) - Faculdades de Ciências Humanas, Letras e Artes – Universidade Tuiuti do Paraná, Curitiba, 2008.

LANDSKRON, L. M. F.; SPERB, T. M. **Narrativas de professoras sobre o TDAH: um estudo de caso coletivo** **Narrativas de professoras sobre TDAH**. Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v.12, n.1, p.153-167, jan./jun. 2008.

LARocca, P.; ROSSO, A. J.; SOUZA, A. P. **A formulação dos objetivos de pesquisa na pós-graduação em Educação: uma discussão necessária**. Estudos RBPG, v. 2, n. 3, p. 118- 133, mar. 2005.

LOURENÇÃO, E. S. P. **Processos de Judicialização da Indisciplina na Escola**. 2021, 158. Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Ciências e Tecnologia, UNESP/Campus de Presidente Prudente. Disponível em: [https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/216017/lourencao\\_esp\\_dr\\_prud.pdf?seque%20nce=3&isAllowed=y](https://repositorio.unesp.br/bitstream/handle/11449/216017/lourencao_esp_dr_prud.pdf?seque%20nce=3&isAllowed=y)

OLIVEIRA, M. M. **Como fazer pesquisa qualitativa**. Petrópolis, Vozes, 2007.

PARRAT-DAYAN, S. **Como enfrentar a indisciplina na escola**. Tradução de Sílvia Beatriz Adoue e Augusto Juncal. São Paulo: Contexto, 2008.

REBELO, R. A. A. **Indisciplina escolar: causas e sujeitos: a educação problematizadora como proposta real de superação**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 2011.

REIS, M. G. F.; CAMARGO, D. M. P. **Práticas escolares e desempenho acadêmico de alunos com TDAH**. Psicologia Escolar e Educacional. v.12, n.1, p.89-100. 2008.

RICHTER B. R. **Hiperatividade ou indisciplina? O TDAH e a patologização do comportamento desviante na escola**. 2012. 126 f. Dissertação (Mestrado em Educação em Ciências) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Rio Grande do Sul, 2012.

ROHDE, L. A.; BARBOSA, G.; TRAMONTINA, S.; POLANCZYK, G. **Transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade**. Revista Brasileira de Psiquiatria. v.22, p.07-11. 2000.

ROSSO, A. J.; CAMARGO, B. V. **As representações sociais das condições de trabalho que causam desgaste aos professores estaduais paranaenses**. ETD – Educação Temática Digital, Campinas, SP, v. 13, n. 1, p. 269-289, jul./dez. 2011.

SANTANA, M. C. S.; MENDONÇA, N. A.; AZEVEDO, G. X. **Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade: Uma Tratativa Bibliográfica**. REEDUC, v. 8 n. 1, jan/abr. 2022. Disponível em: <https://www.revista.ueg.br/index.php/reeduc/article/view/12612>. Acesso em 20 out 22.

SANTOS, E. R.; ROSSO, A. J. **A indisciplina escolar nas representações sociais de professores paranaenses**. Psicologia da Educação, São Paulo, v. 34, p. 127-157, jan./jun. 2012.

SANTOS, J. M. C. T., RODRIGUES, Paula J. M. **O diálogo como possibilidade de mediação da violência na escola**. Práxis Educativa, Ponta Grossa, v. 8, n. 1, p. 273-294, jan./jun. 2013.

SAVAREGO, E. A. **Indisciplina x TDAH: diferenças e implicações no processo ensino aprendizagem.** Educação, Gestão e Sociedade, ano 3, n. 11. 2013.

SILVA, S. P.; SANTOS, C. P.; FILHO, P. O. **Os significados do TDAH em discursos de docentes dos anos iniciais.** Pro-Posições, v. 26, n. 2, p. 205-221, mai./ago. 2015.

TREVISOL, M. T. C. **Indisciplina na escola: sentidos atribuídos por alunos do ensino fundamental.** CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO, 6., Anais... Concórdia, Santa Catarina: Editora Universidade do Contestado, 2007.

TREVISOL, M. T. C.; VIECELLI, D.; BALESTRIN, C. A. **(In) disciplina na instituição educativa: cartografando o fenômeno.** In: TOGNETTA, L. R. P.; VINHA, T. P. (Orgs.). Conflitos na instituição educativa: perigo ou oportunidade? Contribuições da Psicologia. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011. p. 89-134. (Coleção Educação e Psicologia em debate).

ZANGRANDE, H. J. B. **O “bom” e o “mau” aluno: Representações Sociais de Professores de Ensino Fundamental sobre Sucesso e sobre Fracasso Escolar.** 2021, 122 fl. Dissertação (Mestrado) Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Pato Branco, 2021.